
Feminino, carioca e pesquisa mídia impressa: panorama dos trabalhos apresentados no GP História do Jornalismo da Intercom nos Congressos de Foz do Iguaçu e Rio de Janeiro¹

Lucia Santa Cruz²
ESPM Rio - RJ

RESUMO

Através de levantamento bibliográfico, este artigo traça um panorama dos artigos apresentados ao Grupo de Pesquisa História do Jornalismo da Intercom no XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em 2014, em Foz do Iguaçu, RS, e no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado no Rio de Janeiro, em 2015. A leitura dos 68 artigos, entre outros aspectos, apontou um predomínio de pesquisas em torno da mídia impressa, a influência expressiva da historiadora da mídia Marialva Barbosa como referencial teórico, a liderança da Universidade Federal do Rio de Janeiro nos estudos sobre história do jornalismo, e trabalhos com foco em produtos jornalísticos de caráter nacional. Também se verificou a participação majoritariamente feminina entre os pesquisadores que apresentaram *papers* nas duas edições do GP aqui analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: GP História do Jornalismo; Intercom 2014; Intercom 2015; história do jornalismo; mídia impressa.

INTRODUÇÃO

A produção acadêmica de história do jornalismo de 2014 e 2015 é feita, em sua maioria, por mulheres, no Rio de Janeiro, com forte influência teórica da professora Marialva Barbosa, liderada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e privilegiando a mídia impressa como objeto de estudo.

Estas são algumas conclusões que um levantamento bibliográfico no conjunto de artigos apresentados no Grupo de Pesquisa História do Jornalismo, da Intercom, nos congressos de Foz do Iguaçu (2014) e Rio de Janeiro (2015) revelou. O objetivo era mapear a produção acadêmica de história do Jornalismo nesse evento que é o maior do

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestre e Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ), docente das Graduações de Jornalismo, Cinema e Publicidade da ESPM Rio e do Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa (MPGEC/ESPM). Líder do GP LEMBRAR (ESPM/CNPq). Email: lucia.santacruz@espm.br.

campo da Comunicação no Brasil. Foram analisados 68 *papers*, apresentados por 51 autores em 2014 e 50 pesquisadores em 2015.

A análise dos dados coletados foi feita seguindo a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Para atender aos objetivos do artigo, dividiu-se o trabalho em 14 categorias analíticas.

Em seguida à leitura dos artigos, elaborou-se uma ficha de categorias referente a cada ano analisado, o que permitiu em seguida fazer comparações entre os dois anos e identificar alguns padrões entre as duas edições do congresso.

Quadro 1 – Categorias dos fichamentos

Título
Código nos Anais
Autor
Titulação
Filiação Acadêmica
Orientador
Texto de pesquisa ou para evento
Recorte Temporal
Recorte Espacial
Fontes
Palavras-chave
Corpus da pesquisa/texto
Metodologia
Autores citados

Fonte: elaboração da autora

As categorias Título e Código nos Anais são meramente referenciais, para permitir a localização e identificação de cada artigo. Já a categoria Orientador terminou não se provando útil, visto que poucos trabalhos, mesmo quando eram fruto de mestrados ou doutorados em curso, faziam esta identificação. A categoria, portanto, não foi considerada. A categoria Fontes acabou registrando dados semelhantes aos da categoria Metodologia e também foi descartada.

TRATAMENTO DOS DADOS

Nesta seção, vamos apresentar os dados encontrados em cada categoria e já desenvolver algumas interpretações preliminares para os resultados.

Autores

Iniciando pelos autores, percebemos que o número se mantém entre os dois anos (Tab.1). Enquanto em 2014 foram 51 autores, em 2015 este número ficou em 50 pesquisadores que apresentaram trabalhos. Já a quantidade de artigos teve uma elevação: de 31 em 2014 para 37 no ano seguinte, o que representa um crescimento de 19%.

Tabela 1 – Artigos e autores

	2014	2015	Variação percentual
Quantidade de autores	51	50	-1,96
Quantidade de artigos	31	37	19,35
Artigos em grupo	13	8	-38,46
Relação artigos em grupo/total	41,94%	21,62%	-48,45

Fonte: elaboração da autora

Curiosamente, no congresso do Rio de Janeiro se identifica um aumento no número de artigos individuais. Em 2014, foram 13 trabalhos em grupo, representando quase 42% dos artigos. No ano seguinte, esse percentual caiu para 21,62% - somente oito trabalhos em grupo, uma queda de 48%. O que explicaria esta diferença?

Uma pista poderia ser uma presença maior de trabalhos oriundos de pesquisas individuais, como mestrado e doutorado, e menos trabalhos de grupos de pesquisa. Em 2014, dos 31 trabalhos, 12 eram decorrentes de pesquisas, sendo 7 de formação acadêmica e 5, produto de grupos de pesquisa. Todavia, o que identificamos é que dos 37 artigos, 17 vinham de pesquisas, sendo que 10 são resultado de trabalho coletivo contra 6 de formação acadêmica individual. Permanece, portanto, a questão sobre o que explicaria este aumento dos *papers* individuais.

Embora não tenha sido listada inicialmente na lista de categorias do fichamento, se mostrou interessante também identificar o gênero dos pesquisadores. As mulheres são maioria entre os autores nos dois anos (Tab. 2).

Tabela 2 – Relação de gênero entre autores

Gênero	2014	Percentual	2015	Percentual	Variação 2015 em relação a 2014
---------------	-------------	-------------------	-------------	-------------------	--

Mulheres	31	62	32	64	3,23
Homens	20	40	18	36	-10,00

Fonte: elaboração da autora

Como se verá mais à frente, esta presença feminina mais expressiva não se traduz em temáticas do universo feminino entre os artigos dos dois anos.

Sobre a titulação dos autores, temos a seguinte distribuição (Tab.3), com uma prevalência de doutores nas duas edições do congresso, numa proporção bem semelhante:

Tabela 3 – Titulação dos autores

Titulação	2014	Percentual	Titulação	2015	Percentual
Doutor	14	28,00	Doutor	16	31,37
Doutorando	7	14,00	Doutorando	9	17,65
Mestrando	7	14,00	Mestrando	12	23,53
Mestre	5	10,00	Mestre	8	15,69
Graduando	7	14,00	Graduando	2	3,92
Pós-doutorando	0	0,00	Pós-doutorando	1	1,96
Pós-doutor	1	2,00	Pós-doutor	1	1,96
Não informado	7	14,00	Não informado	2	3,92
Secundaristas	2	4,00	Secundaristas	0	0,00
TOTAL	50	100	TOTAL	51	100,00

Fonte: elaboração da autora

Se somarmos as linhas dos estudantes, isto é, doutorandos, mestrandos, graduandos, pós-graduandos e secundaristas, no Congresso de Foz de Iguaçu vamos ter 46% dos autores em algum estágio de sua formação acadêmica, e no do Rio de Janeiro u percentual parecido, 47%. Isso parece indicar que o GP História do Jornalismo se consolidou como um fórum adequado para a apresentação de pesquisas individuais em andamento, em todos os níveis educacionais, o que demonstra a importância deste espaço para a construção e a renovação da pesquisa nesse campo.

Áreas dos autores

A maioria dos autores está vinculada a programas de pós-graduação de Comunicação ou tem formação acadêmica nesta área (Tab. 4). Esta constatação parece natural, uma vez que o congresso tem origem em estudos de Comunicação, mas pontua também que a interdisciplinariedade, prevista no nome da entidade (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), ainda não é uma realidade.

Área	2014		Área	2015	
	quantidade	Percentual		quantidade	percentual
Comunicação	37	72,5	Comunicação	38	76
História	4	7,8	História	5	10
Educação	3	5,9	Educação	2	4
Ensino Médio	2	3,9	Letras	2	4
Não informado	2	3,9	Mídia e Cotidiano	1	2
Letras	1	2,0	Literatura	1	2
Design	1	2,0	Administração	1	2
Ciências da Informação	1	2,0	Ciências da Informação	0	0
Mídia e Cotidiano	0	0,0	Design	0	0
Literatura	0	0,0	Ensino médio	0	0
Administração	0	0,0	Não informado	0	0
Total	51	100	Total	50	100

Filiação acadêmica

É importante analisar estes dados em conjunto com a filiação acadêmica dos autores. Em 2014, 24 instituições de ensino superior (IES) apresentaram trabalhos no GP História do Jornalismo. No ano seguinte, um crescimento de quase 30% na quantidade de IES representadas. Entretanto, apenas 14 IES estiveram representadas nos dois eventos (Tab. 5), o que pode sugerir uma renovação entre os pesquisadores mas também apontar para uma falta de persistência na pesquisa envolvendo história do jornalismo.

Tabela 5 – Relação das IES que apresentaram trabalhos nos dois anos

IES	2014	2015
FAMECOS/PUCRS	1	1
UNEB	1	1
Universidade Estadual do Centro-Oeste	1	1
Universidade Federal de Juiz de Fora	1	1
Universidade Federal de Roraima	1	1
Universidade Federal de Santa Catarina	1	1
Universidade Federal do Maranhão	2	1
Universidade Federal do Paraná	1	1
Universidade Federal do Piauí	1	2
Universidade Federal do Rio De Janeiro	4	6
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2	1
Universidade Federal Fluminense	1	1
Universidade Federal Rural de Pernambuco	1	1

Universidade Potiguar	1	1
-----------------------	---	---

Fonte: elaboração da autora

Nesta tabela 5, também chama a atenção a concentração de artigos vinculados à Universidade Federal do Rio de Janeiro, local onde aconteceu o congresso de 2015:

Com cerca de 4.000 participantes, 2.226 trabalhos inscritos e 30 GPs, o XXXVIII Congresso Nacional da Intercom reuniu no Rio de Janeiro, durante cinco dias (incluindo as atividades pré-congresso), um número recorde de estudantes, mestres, doutores, pesquisadores e profissionais do setor para debates que tiveram como tema “Comunicação e Cidade Espetáculo”. (INTERCOM, 2015)

Quase 20% dos autores de artigos apresentados no Intercom 2015 eram da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O que pode ser explicado pelo fato de esta instituição de ensino ter sido a anfitriã do congresso naquele ano. Isso, porém, não foi o que aconteceu em Foz do Iguaçu, em 2014. Autores de apenas três universidades paraenses enviaram trabalhos para o GP, e a maior participação já havia sido da UFRJ, com quase 17% dos pesquisadores, seguida da UFGRS, com 12,5% dos autores, e da PUCRS, também com 12,5% dos autores (Tab. 5):

Tabela 6 – 5 IES que mais enviaram trabalhos

Participação das que mais enviaram artigos	2014	Participação no total de artigos
Universidade Federal do Rio de Janeiro	4	16,67
Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul	3	12,5
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	3	12,5
Universidade Federal do Acre	2	8,33
Universidade Federal do Maranhão	2	8,33

Participação das que mais enviaram artigos	2015	Participação no total de artigos
Universidade Federal do Rio de Janeiro	6	19,35
Universidade da Região da Campanha	2	6,45
Universidade Federal do Maranhão	2	6,45
Universidade Federal do Piauí	2	6,45
Universidade Vila Velha	2	6,45

Fonte: elaboração da autora

Ainda que o Estado dos autores não estivesse entre as categorias inicialmente previstas para este trabalho, os dados encontrados sobre filiação acadêmica dos autores indicaram a necessidade de observar também estas informações. Foi assim que se identificou que o Rio de Janeiro é o Estado que, tanto em 2014 quanto em 2015, mais

enviou trabalhos para o Intercom (Tab. 7), representando respectivamente 22% e 32% dos artigos:

Tabela 7 Artigos por estado

Estado	2014	2015	Estado	2014	2015
AC	2	0	PB	0	0
AL	0	0	PR	4	3
AP	0	0	PE	1	2
AM	0	0	PI	1	2
BA	1	1	RJ	7	10
CE	0	1	RN	1	1
DF	0	1	RS	6	3
ES	0	1	RO	0	0
GO	0	0	RR	1	1
MA	1	1	SC	0	2
MT	0	0	SP	2	5
MS	0	0	SE	0	0
MG	2	3	TO	0	0
PA	2	0	Total	31	37

Fonte: elaboração da autora

Uma possível explicação para este predomínio do Rio de Janeiro parece estar entre os autores mais citados nos artigos, como se verá a seguir:

Referências

Na lista de referências teóricas dos artigos das duas edições do Congresso Intercom, vamos encontrar uma presença expressiva de autores brasileiros (Tab. 8). Esta é uma das primeiras conclusões que os dados permitem. A outra é que existe uma liderança clara da professora Marialva Barbosa entre os pesquisadores de história do jornalismo:

Tabela 8 – Autores mais citados

2014	Qtd.	Nac.	2015	Qtd.	Nac.
BARBOSA, Marialva	23	BR	BARBOSA, Marialva	17	BR
RIBEIRO, Ana Paula Goulart	7	BR	MARQUES DE MELO, José	15	BR
ABREU, Alzira Alves de	4	BR	FOUCAULT, Michel	10	FR
GINZBURG, Carlo	4	IT	MOREL, Marco	8	BR
SEIXAS, Netília Silva dos Anjos	4	BR	SODRÉ, Nelson Werneck	8	BR
BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart	3	BR	BUITONI, Dulcília	7	BR
BOURDIEU, Pierre	3	FR	JUNIOR, Enio Moraes	6	BR
DARNTON, Robert	3	EUA	QUINTILIANO, Marcus Fabio	6	BR
FLUSSER, Vilém	3	AL	LAGE, Nilson	5	BR
HOHLFELDT, Antonio	3	BR	RIBEIRO, Ana Paula Goulart	5	BR

Fonte: elaboração da autora

Barbosa, que já foi presidente da Intercom (2014-2017), atualmente é professora titular de Jornalismo da UFRJ e professora titular de jornalismo aposentada da Universidade Federal Fluminense (UFF), aonde foi professora de 1979 a 2010 (INTERCOM, s/d). Com mestrado e doutorado em História, é a pesquisadora mais influente dos artigos apresentados ao GP História do Jornalismo nos anos de 2014 e 2015, como um dos artigos analisados neste corpus salienta. “A historiadora da imprensa Marialva Carlos Barbosa, uma das referências dessa temática nos dias atuais” (LINS; AMARAL, 2015 p.3). Sua presença nesta relação pode ser uma resposta para a prevalência do Rio de Janeiro como o Estado que mais envia trabalhos para o grupo de pesquisa. Da mesma forma, outra professora da UFRJ, Ana Paula Goulart Ribeiro, desponta em segundo lugar entre os mais citados de 2014 e em 10 entre os mais citados de 2015, reforçando o vínculo existente entre esta universidade e o volume de pesquisas em torno da história do jornalismo.

Palavras-chave

Analisando o conteúdo dos artigos, primeiramente nos dedicamos às palavras-chave. A primeira constatação é uma pulverização das expressões, com uma concentração na palavra jornalismo (Tab. 9).

Tabela 9 – Palavras-chave

Palavras-chave – 2014	Quantidade
Jornalismo	12
História da Imprensa	4
História do Jornalismo	4
Imprensa	4
Memória	4

narrativa	3
historiografia	2
Jornal do Brasil	2
século XIX	2

Fonte: elaboração da autora

O Jornal do Brasil foi o veículo mais analisado nesse período, constando de dois artigos: “O jornal como lugar de memória: reflexões sobre a memória social na prática jornalística”, de Itala Maduell, e “Vamos à Lua com o JB: articulações do passado na cobertura do grande acontecimento midiático do século XX”, de Alice Carvalho de Melo, ambas, à época, mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro e orientandas da professora Ana Paula Goulart Ribeiro, que, como já vimos, vem a ser uma das autoras mais referenciadas nos artigos.

Em 2015, também percebemos uma baixa concentração em algumas palavras-chave e alta frequência de palavras com uma única incidência (Tab. 10). Desta vez, história do jornalismo aparece em 13 artigos.

Tabela 10 – Palavras-chave 2015

Palavras-chave – 2015	Quantidade
História do Jornalismo	13
História	8
jornalismo	6
Imprensa	5
memória	5
Crônica	3
dispositivo midiático	2
ditadura militar	2
História da imprensa	2
Mulheres	2
República	2
Rio de Janeiro	2

Fonte: elaboração da autora

Novamente o Jornal do Brasil foi o veículo mais estudado: esteve em três artigos: “Carlos Drummond de Andrade no Caderno B do Jornal do Brasil”, de Itala Maduell Vieira; “O Passado entre Fios: Box de Memória e o Nascimento da Pesquisa no JB”, de Alice de Melo; e “Extra! Extra! As origens da primeira página moderna no jornalismo brasileiro”, de Adriana Barsotti³.

³ Barsotti também estuda, neste mesmo artigo, outros quatro jornais do início do século XX.

Recorte temporal

O período que mais aparece nos artigos em 2014 é a segunda metade do século XX⁴, mais especificamente o período entre 1964 e 1980 (Tab. 11). Uma explicação para este fato é que naquele ano o golpe civil-militar completava 50 anos, o que ensejou uma série de produtos jornalísticos alusivos à efeméride – e conseqüentemente, um número concentrado de estudos sobre os discursos midiáticos acerca do período.

Tabela 11 – Recorte temporal dos artigos em 2014

Período	Quantidade
Segunda metade do século XX	7
Séculos XIX e XX	6
Primeira metade do século XX	5
Segunda metade do século XX até Primeira década século XXI	3
Segunda década do século XXI	2
Final século XX	1
Primeira metade do século XIX	1
Primeira metade do século XIX até primeira metade do século XX	1
Século XIV-XIX	1
Século XIX	1
Século XVII	1
Século XX	1
Segunda metade do século XIX	1
Total	31

Fonte: elaboração da autora

Em 2015, o comportamento também se repetiu (Tab. 12), com a segunda metade do século XX, especialmente o período da ditadura militar, concentrando o recorte temporal, seguido de perto pela primeira metade do século XX, o que aponta para um declínio no interesse pela história do jornalismo brasileiro nos períodos colonial e imperial e um foco maior para o século de industrialização na produção jornalística.

Tabela 12 - Recorte temporal dos artigos em 2015

Período	Quantidade
Segunda metade do século XX	8
Primeira metade do século XX	7
Segunda metade do século XX até segunda década do século XXI	5

⁴ Para fins metodológicos, os anos foram agrupados de acordo com a parte do século em que se inseriam. Assim, 1964-1985 foi considerado segunda metade do século XX e assim por diante.

Final século XIX	4
Final século XIX até primeira metade do século XX	4
Final primeira metade do século XX e início da segunda metade do século XX	1
Primeira metade do século XIX	1
Primeira metade do século XIX até primeira metade do século XX	1
Século XVI até século XX	1
Século XX	1
Segunda década do século XXI	1
Segunda metade do século XIX	1
Segunda metade do século XX até primeira década do século XXI	1
Sem período específico	1
Total	37

Fonte: elaboração da autora

Recorte espacial

O Brasil é o principal recorte espacial dos artigos apresentados em 2014 e 2015, o que pode ser interpretado por uma tendência a estudar objetos jornalísticos com características ou alcance nacional. O segundo recorte, nos dois anos, é o Rio de Janeiro (Tab. 13). Percebe-se que numericamente há poucos trabalhos sobre produção jornalística local, indicando uma lacuna de pesquisa na historiografia do jornalismo.

Tabela 13 – Recorte espacial em 2014 e 2015

2014		2015	
Local	Quantidade	Local	Quantidade
Brasil	7	Brasil	13
Rio de Janeiro	6	Rio de Janeiro	10
EUA	2	Bagé (RS)	1
São Luis (MA)	2	Minas Gerais	1
Rio Grande do Norte	2	Piauí	1
Rio Grande do Sul	2	Espírito Santo	1
Portugal e suas colônias	1	Juiz de Fora (MG)	1
Guarapuava (PR)	1	Teresina (PI)	1
Europa	1	EUA	1
Rio de Janeiro	1	América Latina	1
São Paulo	1	Alemanha	1
Piauí	1	França	1
Pernambuco	1	São Paulo	2
Paraíba	1	Acre	1
Pará	1	Pernambuco	1

Ceará	1	Rio Grande do Norte	1
		Mundo	1
		Não informou	1
Total	31	Total	40 ⁵

Fonte: elaboração da autora

Corpus

Em relação aos objetos de pesquisa, este levantamento verificou que, tanto em 2014 quanto em 2015, jornais impressos são o principal tema estudado. No Congresso de Foz do Iguaçu, quase 42% dos artigos analisavam periódicos impressos (Tab. 14)

Tabela 14 - Objetos analisados em 2014

	Quantidade	Participação no total
Jornais impressos	13	41,94
Jornalista	4	12,90
Ensino de jornalismo	2	6,45
Ilustração	1	3,23
Livro-reportagem	1	3,23
Jornais manuscritos	1	3,23
Revista impressa	1	3,23
Jornalismo literário	1	3,23
Fotografia	1	3,23
Jornalismo de tecnologia	1	3,23
Jornalismo econômico	1	3,23
Desenvolvimento dos gêneros jornalísticos	1	3,23
Rádio	1	3,23
Instituição	1	3,23
Telenovelas	1	3,23
Total	31	100,00

Fonte: elaborada pela autora

No Congresso do Rio de Janeiro, este percentual subiu para 43%. Se somarmos aos jornais também as revistas impressas, teremos em 2015 um quadro em que mais de 80% dos trabalhos investigou a mídia periódica impressa (Tab. 15). Se acrescentarmos ainda os livros-reportagens, este percentual atinge 90% dos artigos sobre história do jornalismo apresentados em 2015.

Tabela 15 -

⁵ Neste caso, o recorte espacial é superior ao número de artigos porque um dos trabalhos “Que fim levou o Civic Journalism”, de Márcio Fernandes, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), apresentou três recortes espaciais distintos.

2015	Quantidade	Varição
Jornal impresso	16	43,24
Revista impressa	10	27,03
Jornalista	5	13,51
Livro-reportagem	2	5,41
Civic journalism	1	2,70
Autobiografia	1	2,70
Práticas jornalísticas	1	2,70
História e jornalismo	1	2,70
Total	37	100,00

Fonte: elaboração da autora

Este dado permite levantar muitas indagações. Ainda que o GP seja sobre história do jornalismo, e com certeza os primeiros produtos jornalísticos, de um ponto de vista histórico, são impressos, outros meios já possuem um tempo de estrada que deveria ensejar reflexões acadêmicas. O rádio em cerca de 4 anos celebrará a primeira transmissão oficial no país e a televisão já caminha para os 70 anos em terras brasileiras. Mesmo assim, nos dois congressos, o GP só registrou um trabalho sobre rádio e um sobre televisão, sendo que este era sobre telenovelas⁶.

Outro objeto merece destaque: Jornalista, que envolve tanto o perfil de determinados jornalistas, considerados icônicos da trajetória do jornalismo nacional – como Frei Caneca, retratado por Tatiane E. M. de Carvalho em 2015 no artigo “Frei Caneca: matriz do jornalismo brasileiro” ou ““Zueno, Zoany, Zwenir”: a vigilância ao jornalista Zuenir Ventura durante a ditadura Militar”, de Felipe Quintino, apresentado no congresso de 2014 – quanto a discussão sobre a identidade jornalística e sua formação.

Dentro do corpus estudado, há que se fazer uma menção ainda para os artigos que tratam de estudos de gênero dentro da história do jornalismo, que registraram crescimento entre 2014 e 2015, ainda que, pela expressiva quantidade de pesquisadoras mulheres, este número pudesse ser ainda maior. Em 2014 foram três artigos – “A abolição da escravatura e a escravização das mulheres nas páginas da Revista Litteraria”, de Aline Strelow e Nádia Alábio; “Jornalistas profissionais: pioneirismo, perfis e trajetórias de mulheres na imprensa norte-rio-grandense (1960-1980)”, de Isabel Cristine Machado de Carvalho, Manoel Pereira da Rocha Neto, Jéssika Sibelly Pereira Bessa, Liliane Thaís Albuquerque

⁶ O artigo “Creating the Social-Critical Telenovela in Brazil: How Television Drama by Left-Wing Writers Came to Dominate the National Agenda under Military Dictatorship in Brazil”, de Joseph Straubhaar e Heloisa Pait, além de estar fora da formatação exigida pela Intercom, não discutia jornalismo, mas falava sobre autores de esquerda que escreveram telenovelas durante a ditadura.

Tavares, Reijanete Januário S Silva e Priscilla Fontenele; e “O novo jornalismo e a mulher de sempre na Primeira República (1889-1930): uma análise de gênero nos suplementos literário e infantil dos jornais Diário da Manhã e Diário da Tarde”, de Aline Maria Grego Lins e Tércio de Lima Amaral. Em 2015, já foram seis trabalhos, um aumento de 100% (Quadro 2).

Quadro 2 – Artigos com temática de gênero em 2015

Artigo	Autor
De Mulher pra Mulher: Semelhanças e Diferenças entre o Jornal das Senhoras e os Blogs Femininos	Lucia Maria Marcellino de Santa Cruz
Gênero e formação do jornalismo de moda na imprensa recifense na década de 1920: incursões nos suplementos do Diário da Manhã e Diário de Pernambuco	Aline Maria Grego Lins Tércio de Lima Amaral
Imprensa para mulheres: notas sobre as mudanças na construção do feminino	Camila Maria Torres Medeiros
Jornalismo Feminino e Jornalismo Feminista: Aproximações e Distanciamentos	Ana Paula Bornhausen da Silva Bandeira
Mulher e Imprensa no Rio Grande do Norte: do manuscrito ao impresso	Manoel Pereira da Rocha Neto Laís Karla da Silva Barreto Isabel Cristine Machado de Carvalho Cíntia dos Reis Barreto
Reflexões sobre o novo regime de visibilidade homossexual das páginas do Lâmpião	Vinicius Ferreira Ribeiro Cordão

Fonte: elaboração da autora

Metodologia

Tanto no Congresso de Foz do Iguaçu quanto no Congresso do Rio de Janeiro, os principais métodos de investigação adotados pelos pesquisadores foram o levantamento bibliográfico e o documental. Embora se trate de um grupo de pesquisa de História, muitos trabalhos não chegam a ter um cunho historiográfico – aspectos históricos entram como uma seção, mais para contextualizar o objeto do que realmente com um olhar mais historiográfico.

São raros os artigos que seguem métodos do campo da História. Um deles é “A abolição da escravatura e a escravização das mulheres nas páginas da Revista Litteraria”, de Aline Strelow e Nádia Alábio, que afirma que seu trabalho segue uma abordagem metodológica que

tem como base o modelo proposto por Darnton (2010, p. 127) para o estudo dos impressos. Tal modelo parte da premissa básica de que é necessário um esforço do pesquisador para enxergar o objeto como um todo, entender o ciclo comunicacional que lhe dá vida. (STRELOW; ALÍBIO, 2014 p. 5)

Outro artigo que também se alinha com o campo historiográfico é “A Tipografia, o Jornal e um Tipógrafo-jornalista na cidade de Itiúba, Bahia”, de Andréa Cristiana Santos, que analisa a trajetória de José Diamantino de Assis e a instalação da tipografia na cidade de Itiúba, no sertão baiano, investigando a produção jornalística, o universo de leitores e as práticas de leituras a partir da chegada da tipografia e da circulação do jornal impresso O Itiubense.

A partir de uma abordagem da micro-história, verificamos que a sua trajetória pode ser investigada a partir de uma redução do nível de análise da escala: do micro para o macro. Em uma pesquisa centrada na história dos processos de comunicação, a abordagem da micro-história pode evidenciar o circuito de comunicação que nos permite verificar os fluxos e as interações existentes entre práticas comunicativas, diante da própria modernização da imprensa e de dispositivos tecnológicos que influenciavam as concepções de mundo e os modos de existência dos sujeitos. Trata-se de analisar as relações que circunscrevem o sujeito em um tempo e espaço (SANTOS, 2015 p.2)

Ou ainda os artigos “História oral e memória na Amazônia: o fenômeno Chupa-Chupa”, de Philippe Sendas de Paula Fernandes (2015) e “Relatos Ausentes na Ditadura Militar: o Lugar da Memória em Depoimentos Oraís de Jornalistas Capixabas”, de Nicoli Tassis e Rodrigo Cerqueira, que se valem do método da história oral como ferramenta para sua discussão a respeito da história do jornalismo.

Além de uma concepção de história do jornalismo que nem sempre fica muito delimitada nos artigos – alguns trabalhos usam um objeto do passado mas fazem uma discussão que estaria mais bem colocada em grupos de pesquisa de gêneros jornalísticos ou de ensino de jornalismo – também os métodos de análise dos dados raramente são informados. Por inferência, percebe-se que a grande maioria utiliza algum tipo de análise de discurso, de narrativa ou de conteúdo, mas sem explicar muito que método está empregando. Somente “O Advento do Jornalismo Noticioso em Bagé”, de Cristiane Pereira, Orlando Carlos Brasil, Yuri Cougo e Thaís Nunes (2015); “A abolição da escravatura e a escravização das mulheres nas páginas da Revista Litteraria”, de Aline Strelow e Nádia Alibio; “O posicionamento do Monitor Comercial sobre o Estado Novo e seus representantes”, de Thamyres Sousa de Oliveira e Ana Regina Rêgo; e “A coluna

cultural como espaço de crítica e crônica: um estudo das Notas de Arte, de Aldo Obino, no Correio do Povo na década de 1950 (1950-1959)”, Mariana Sirena e Cida Golin deixam claro que utilizam análise de conteúdo segundo Laurence Bardin.

Este aspecto, todavia, não é um caso isolado. De um modo geral, no âmbito dos estudos de Comunicação, não se encontra um rigor metodológico, mas uma apropriação mais ampla de diversos métodos e técnicas de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo partiu de um levantamento bibliográfico dos artigos apresentados ao GP de Pesquisa em História do Jornalismo da Intercom nos Congressos da entidade em 2014 e 2015, para mapear a produção sobre essa temática no Brasil.

Entre os pontos identificados, está a liderança da UFRJ como principal instituição de ensino a pesquisar história do jornalismo; a composição majoritariamente feminina dos autores que apresentaram trabalhos no período; uma concentração de estudos em torno de objetos de espectro nacional, junto com pesquisas relacionadas com o Rio de Janeiro; a consagração da professora Marialva Barbosa como a principal referência teórica do grupo e a prevalência de estudos cujo corpus é a mídia impressa.

A associação entre a mídia impressa como principal objeto de estudo do Grupo de Pesquisa em História do Jornalismo e a discussão sobre a identidade do jornalista parece se aproximar das discussões que vêm dominando não exatamente os estudos de história do jornalismo, mas outros fóruns que se dedicam a estudar as práticas e o mercado jornalísticos.

Frente a um cenário nebuloso, de crise do modelo de negócios que apoiou o jornalismo ao longo do século XX, baseado em venda de espaço publicitário e ampla audiência, ao mesmo tempo em que as instituições jornalísticas parecem ter perdido seu lugar e sua credibilidade para novos atores como Facebook, Google e demais redes sociais, esta primazia da mídia impressa pode embalar um sentimento nostálgico, do tempo em que os veículos jornalísticos tinham uma influência bem mais intensa no tecido social e político.

Um indício desse sentimento pode ser a constatação de que o veículo mais estudado nos dois anos é o Jornal do Brasil, um periódico que, à época dos congressos analisados neste artigo, estava praticamente extinto, e que ressurgiu novamente agora em

2018, num claro movimento de cooptação da nostalgia circulante no meio jornalístico, na profissão, no país. Mas isso é assunto para outro artigo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luiz Antero e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

INTERCOM. **Conselho Curador**. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/conselho>. Acesso em 06 jul. 2018.

INTERCOM. **Intercom 2015 Rio**. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional/20151>>. Acesso em 28 jun.2018.

LINS, Aline Maria Grego; AMARAL, Tércio de Lima. Gênero e formação do jornalismo de moda na imprensa recifense na década de 1920: incursões nos suplementos do Diário da Manhã e Diário de Pernambuco. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT1-HJ.htm>. Acesso em 6 jul. 2018.

SANTOS, Andrea Cristiana. A Tipografia, o Jornal e um Tipógrafo-jornalista na cidade de Itiúba, Bahia. Anais do Intercom 2015. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT1-HJ.htm>. Acesso em 6 jul. 2018.

STRELOW, Aline; ALÍBIO, Nádia. A abolição da escravatura e a escravização das mulheres nas páginas da Revista Litteraria. Anais do Intercom 2014. Curitiba, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0308-1.pdf>>. Acesso em 6 jul. 2018.